

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO
SUL ESCOLA DE ENFERMAGEM
CURSO DE SAÚDE COLETIVA

SAÚDE MENTAL INDÍGENA NA PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL

SARA OLIVEIRA FARIAS

2023

Sara Oliveira Farias

SAÚDE MENTAL INDÍGENA NA PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso realizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para a obtenção do título de Bacharel em Saúde Coletiva, sob orientação da Prof.a Maria Gabriela Curubeto Godoy.

Orientadora: Prof.a Maria Gabriela Curubeto Godoy

Porto Alegre - RS

2023

Sara Oliveira Farias

SAÚDE MENTAL INDÍGENA NA PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL

Autorizo a divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Prof.a Maria Gabriela Curubeto Godoy – Orientadora

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre - RS
2023

Resumo

O presente trabalho descreve a situação da Saúde Mental Indígena na Pandemia de Covid-19, seus problemas no cotidiano da pandemia, os agravos da saúde mental e as consequências que a pandemia gerou na vida da população indígena, e discute soluções para os problemas apresentados, a partir de uma revisão de literatura.

Palavras-chaves: “Povos Indígenas”, “Saúde Mental”, “Pandemia”.

Abstract

The present work describes the situation of Indigenous Mental Health in the Covid-19 Pandemic, its problems in the daily life of the pandemic, the mental health problems and the consequences that the pandemic generated in the lives of the indigenous population, and discusses solutions to the problems presented, from a literature review.

Keywords: "Indian People", "Mental Health", "Pandemic".

Resumen

El presente trabajo describe la situación de la Salud Mental Indígena en la Pandemia Covid-19, sus problemáticas en el cotidiano de la pandemia, los problemas de salud mental y las consecuencias que la pandemia generó en la vida de la población indígena, y discute soluciones a los problemas presentados, a partir de una revisión de la literatura.

Palabras clave: “Pueblos Indígenas”, “Salud Mental”, “Pandemia”.

SUMÁRIO

Sumário

| | |
|------------------------|-----------|
| 1. Introdução: | 8 |
| 2. Objetivos: | 9 |
| 3. Metodologia: | 10 |
| 4. Resultados | 11 |
| 5. Discussão: | 18 |
| 6. Conclusão | 20 |
| Referências | 21 |

1. Introdução:

Este artigo é uma revisão narrativa sobre Saúde Mental Indígena e Pandemia de Covid-19 no Brasil, doença que tirou a vida de mais de 700 mil brasileiros. Dos grupos com mais vulnerabilidade, a população indígena apresentou uma taxa de mortalidade por Covid-19 em média de 16% maior que taxa nacional, sendo 970 mortes, 162 etnias afetadas, e ao todo 49 mil casos confirmados até fevereiro de 2021, segundo a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (EL KADRI, 2022).

As consequências decorrentes da pandemia, como o distanciamento social, o desemprego, a perda de renda e a morte de entes queridos, dentre outras, afetaram a saúde mental da população, sobretudo de segmentos historicamente vulnerabilizados e estigmatizados, como os povos indígenas. Essa população já era afetada por lacunas na atenção à saúde anteriores à pandemia, o que piorou com esse evento atípico, acarretando mais problemas à mesma.

A escolha do tema deve-se à falta de informações sobre o mesmo, pois na busca realizada houve dificuldade para encontrar estudos acadêmicos sobre o assunto, que precisa ser mais investigado. É preocupante observar que são realmente poucos os estudos encontrados sobre saúde mental indígena na pandemia, pois deveria haver mais informações, por tratar-se de uma população afetada por diversos tipos de vulnerabilidades. Além disso, problemas de saúde mental podem agravar-se, gerando diversos tipos de transtornos mentais e até o suicídio. Uma questão importante no período da pandemia foram as redes de solidariedade que surgiram, atuando também com as populações indígenas.

2. Objetivos:

2.1 Objetivo geral:

Realizar uma revisão de literatura sobre saúde mental indígena na pandemia de COVID-19 no Brasil.

2.2 Objetivos específicos:

- 1) Identificar estudos sobre saúde mental indígena na pandemia de Covid-19 no Brasil;
- 2) Classificar os estudos conforme as temáticas abordadas pelos mesmos;
- 3) Apresentar a sistematização dos estudos e seus resultados.

3. Metodologia:

Este trabalho é uma revisão de literatura, um tipo de pesquisa que analisa a produção científica de outros autores sobre um determinado tema. As revisões podem ser classificadas em narrativa, integrativa e sistemática. No presente caso, optou-se por uma revisão narrativa, que é a descrição do tema que está sendo pesquisado. Na revisão integrativa são fornecidas informações mais completas sobre o tema e a revisão sistemática seleciona estudos experimentais para futuramente serem analisados (CORDEIRO, 2007).

A busca de estudos para esta revisão foi feita nas seguintes bases de dados: Google Acadêmico; Scientific Electronic Library Online (SciELO). Os descritores utilizados (Descritores de Ciências Saúde - DeCS) foram: “Povos Indígenas”, “Saúde Mental”, “Indígenas”, “Pandemia” e “Covid-19”, usando o operador booleano “E”. O recorte temporal feito foi desde o início da pandemia, ano de 2020 até agosto de 2023.

O quadro abaixo apresenta os descritores utilizados, base de dados e número de artigos encontrados:

Quadro 1- Estudos selecionados: descritores e base de dados

| DESCRITORES | GOOGLE ACADÊMICO | SCIELO |
|--|---------------------|--------|
| Saúde Mental, Indígena, Covid-19 | 5 | 3 |
| Saúde mental, Povos Indígenas, COVID-19 | 2 | 2 |
| Saúde mental, Indígena, Pandemia | 9 | 1 |
| Saúde mental, Povos Indígenas, Pandemia | 3 | 1 |
| Atenção Psicossocial, Indígena, Pandemia | 0 | 0 |
| Atenção Psicossocial, Indígena, COVID-19 | 0 | 1 |
| Atenção Psicossocial, 0, Povos Indígenas, COVID-19 | 0 | 0 |
| Atenção psicossocial, , Povos Indígenas, Pandemia | 0 | 0 |

Na base de dados SCIELO foram encontrados 3 artigos com os descritores Saúde Mental, Indígena, Covid-19. Os artigos encontrados ao modificar os descritores foram menos e incluídos entre esses três. No Google Acadêmico

foram encontrados 16.600 mil resultados com os descritores “Saúde Mental Indígena”, “Pandemia”, e “Covid-19”. Entretanto, as temáticas não estavam associadas entre si, havendo muitas publicações sobre a questão da pandemia entre povos indígenas, mas não especificamente sobre a questão da saúde mental. Desses resultados, os que realmente tratavam da temática proposta foram 5 artigos e um capítulo de livro. Os 3 artigos da base de dados Scielo constaram entre os selecionados no Google Acadêmico. A exclusão de artigos deu-se a partir da filtragem utilizando os descritores apresentados acima, no Quadro 1. Os artigos selecionados foram lidos e os resultados da revisão seguem abaixo.

4. Resultados

O quadro 2 apresenta os artigos selecionados e os respectivos temas/tipo de estudos, em ordem cronológica de sua publicação.

Quadro 2- Artigos selecionados: temas e tipos de estudo.

| ARTIGO | TEMA/TIPO DE ESTUDO |
|--|---|
| BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: Povos indígenas no contexto da COVID-19. FIOCRUZ, 2020. | Cartilha sobre Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19, abordando questões Indígenas no Contexto da COVID-19. |
| BRITO; , D.L.B.; TORRES, O. M.. A atenção em saúde mental no Telessaúde Indígena para enfrentamento à Covid-19. Anais do Seminário Regional de Extensão Universitária da Região Centro-Oeste (SEREX) , n. 5, p. 194-195, 2021. | Estudo qualitativo descritivo, sobre saúde mental indígena na pandemia de covid-19, realizado no telessaúde indígena no Hospital Universitário de Brasília, contou com 318 atendimentos e 40 etnias diferentes. |
| EL KADRI, M. R., MELO, B. D., SOUZA E SOUZA, M., NOAL, D. DA S., SERPELONI, F., & PEREIRA, A. dos S. Curso em saúde mental no contexto da Covid-19 com povos indígenas por meio de ensino remoto. Trabalho, Educação E Saúde , 20, e00333164, 2022. | Relato de experiência de curso sobre saúde mental no contexto da covid-19 com povos indígenas por meio de ensino remoto. |
| BARRETO, I. F., DIMENSTEIN, M., LEITE, J. F.. Percepções sobre o uso de álcool em uma comunidade indígena <i>Potiguar</i> . Psicologia: Teoria E Pesquisa , 38, e38419, 2022. | Pesquisa qualitativa realizada junto a um grupo indígena do Rio Grande do Norte, envolvendo moradores e lideranças, buscando os sentidos atribuídos ao consumo de álcool e às estratégias de cuidado acionadas. UM dos eixos enfocou o consumo de álcool no contexto da pandemia da Covid-19. |

| | |
|--|--|
| <p>MARTINS, A. K. S.; OLIVEIRA A.M.C; SILVEIRA, M.S. A Psicologia e a saúde mental dos indígenas: abordando questões sociais e pandêmicas em torno da covid-19. In: SPAVIER ALVES, A.; SILVA, R.LO.S. (Org.) . Políticas educacionais para resistência e reexistências na Educação Básica. 1. ed. Salvador-Bahia: Secretaria da Educação do Estado da Bahia, 2022.</p> | <p>Capítulo de livro que trata da saúde mental indígena considerando que existem diversas concepções, conforme a etnia. Mas a saúde mental é em geral concebida dentro do Bem Viver, que trata dos modos de vida que reforçam os direitos e a identidade dos grupos indígenas. O texto aborda uma perspectiva transcultural, retomando a construção sócio-histórica das vulnerabilidades, intensificadas com a pandemia.</p> |
| <p>OLIVEIRA, A. T. de; HERMES THOMAS TOMBINI, L.; BARROS DE SOUZA, J.; FAGANELLO MADUREIRA, V. S. ; DE PRADO PILGER, K. C. Efeitos da Covid-19 na atenção primária a saúde dos indígenas: percepções dos profissionais. Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online, Rio de Janeiro, Brasil, v. 15, p. e-12081, 2023.</p> | <p>Pesquisa exploratória qualitativa visando compreender os efeitos da pandemia COVID-19 na Atenção Primária à Saúde dos indígenas, na percepção dos profissionais da saúde, realizada com a participação de sete profissionais que atuavam em uma Unidade Básica de Saúde vinculada ao Distrito Sanitário Especial Indígena no Rio Grande do Sul, Brasil, utilizando entrevistas semiestruturadas no primeiro semestre de 2022.</p> |

A primeira publicação acima apresentada (BRASIL, 2020), trata-se de uma cartilha de Saúde Mental e Psicossocial na Pandemia de COVID-19. Esse estudo explica que o cotidiano dos povos indígenas já apresentava desafios mesmo antes da Pandemia, em função do genocídio, violência, violação de direitos e ausência de políticas públicas. Também cita os conflitos em relação às terras e moradias. Ou seja, para essa população a Pandemia de COVID-19 foi mais agravante, porque além de lidar com os problemas que já enfrentam, precisaram lidar com um vírus extremamente perigoso e letal, além de que não podiam fazer suas atividades coletivas como: rituais de despedidas quando alguém morria, danças, rezas, rituais de comemorações, entre outras atividades que antes lhes eram habituais e, por conta do distanciamento social, estavam suspensas, o que pode ter contribuído para agravar a saúde mental dos povos indígenas, que têm uma característica de convivência coletiva importante nos seus modos de vida.

Quando se refere exclusivamente à Saúde Mental é perceptível o agravamento da situação, pois as taxas de mortalidade por suicídio tiveram aumento, o mesmo ocorrendo em relação às tentativas de automutilação e suicídio. Também se observou o aumento de casos de violência e o uso de alta quantidade de bebidas alcoólicas. Contudo, a cartilha considera que as Políticas e Estratégias para o enfrentamento da Pandemia devem ser construídas diante do contexto de cada comunidade, e em conjunto com os

Líderes comunitários locais, pois cada comunidade indígena é singular.

O segundo estudo (BRITO; TORRES, 2021), intitulado “A atenção em saúde mental no telessaúde Indígena para enfrentamento á Covid-19” é uma pesquisa qualitativa descritiva cujo o objetivo é dar fundamentos e debater a saúde mental, observando os aspectos culturais. Foi realizado no Telessaúde Indígena pelo Ambulatório de Saúde (ASI) no Hospital Universitário de Brasília (UNB). O projeto abordou 318 atendimentos de saúde mental indígena realizados no telessaúde entre 40 etnias diferentes, onde essas pessoas foram avaliadas e diagnosticadas. O estudo foi dividido em duas etapas sendo elas: a análise do número de atendimentos e os debates da equipe sobre os atendimentos individuais.

As queixas dos pacientes foram associadas a transtornos mentais e comportamentais, com diagnósticos detectados em 26 atendimentos. Porém, apenas 2 casos geraram demanda em saúde mental. No primeiro caso, o paciente apresentou sofrimento psíquico e no segundo caso, o paciente demonstrou pensamentos suicidas. Esses dois casos geraram debates nas equipes do telessaúde.

Todas as queixas diagnosticadas nos 26 atendimentos tiveram relação com sofrimento psíquico como: não conseguir sair de casa por medo de contrair o vírus, ansiedade, insônia, humor alterado e transtornos mentais e comportamentais. Os eixos de discussão de cada caso incluíram: 1) argumentos do paciente em relação ao seu caso; 2) ideias da equipe em relação à saúde mental; e 3) espiritualidade do paciente.

O levantamento dos atendimentos e os debates dos casos possibilitaram concluir que saúde mental dos povos indígenas apresenta especificidades que devem ser consideradas. Com isso, é necessário que o atendimento de saúde deles seja prestado com atenção, respeito e empatia, considerando a individualidade de cada caso deve pautar-se pela escuta e respeito à interculturalidade, pois o profissional precisa acolher essa pessoa, mesmo sendo de uma cultura diferente.

O terceiro artigo (EL KADRI, 2022), trata do relato de experiência de um curso sobre atenção psicossocial aos povos indígenas durante a pandemia, ao constatar-se que depois de muitos casos confirmados e principalmente óbitos de Covid-19 entre indígenas, a saúde mental dessa população começou

a ser afetada consideravelmente e os casos possuíam especificidades que precisavam ser levadas em consideração. Isso incluía suas vulnerabilidades; às questões relativas à sua cultura e espiritualidade, e seus modos de vida e de cuidar de sua saúde.

Foi, então, planejado um curso remoto chamado de 'Bem viver: saúde mental indígena' promovido pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), em parceria com o Fundo das Nações Unidas pela Infância (Unicef) e a Coordenação das Organizações Indígenas na Amazônia Brasileira (COIAB). O curso tinha o objetivo de tornar menos intenso o impacto psicossocial da Covid-19 nas populações indígenas da Amazônia Brasileira, criando estratégias para apoiar trabalhadores de saúde, educação, proteção social, lideranças comunitárias e jovens comunicadores indígenas. Para isso, foi criado um projeto chamado Povos Indígenas na Amazônia Contra a Covid-19 (PIACC), cujas premissas propunham: promover os direitos humanos e a igualdade entre os povos; usar abordagens participativas; aproveitar as capacidades existentes e promoção do protagonismo indígena.

A abrangência desse projeto chegou em oito regiões etnográficas da Amazônia, sendo elas: Leste de Roraima, Guamá Tocantins, Alto Purus, Alto Rio Negro, Alto Solimões, Tumucumaque e Paru D'Este, Médio Purus e Yanomami, regiões conhecidas por terem dificuldades de acesso à internet. Para contornar isso, a estratégia adotada para as inscrições e acompanhamento dos profissionais e as lideranças dessas áreas, contou em cada uma dessas regiões com o apoio da COIAB e a colaboração de jovens comunicadores indígenas, que contribuíram com a divulgação do curso em seus territórios,. Também foi disponibilizada uma equipe na sede da Fiocruz Amazônia, encarregada de inscrever participantes com acesso à internet no Campus Virtual Fiocruz, o que resultou em 21% do total de inscritos. O total de inscritos foi de 2.540 inscritos, de 27 estados e 507 cidades diferentes, assim como também teve inscritos de todas as 27 Universidades Federais e de outros 7 Países sendo eles: Estados Unidos, Colômbia, Peru, Itália, África do Sul, Alemanha, Chile e Uruguai.

O curso foi composto por 6 módulos disponibilizados semanalmente, por plataforma digital, somando uma carga horária de 60 horas. Também

ficou disponível por oito semanas também de forma assíncrona, tanto pela plataforma do curso quanto por grupos de Whatsapp, o que possibilitou que pessoas de outros países tivessem a oportunidade de se inscrever e realizá-lo. Os módulos trataram de: questões introdutórias; autoatenção e estratégias comunitárias; crianças, jovens e anciãos; violências; álcool e outras drogas; e suicídio.

O acompanhamento do curso foi realizado disponibilizando tutores, por grupos de Whatsapp. Cada tutor acompanhou duas regiões e ficavam à disposição para esclarecer dúvidas, disponibilizar materiais e suporte técnico. Para que as informações chegassem o mais rápido possível aos profissionais e às comunidades, os professores que ministraram o curso eram indígenas e não-indígenas, contando com a participação de diversas etnias como: Mura, Tuxá, Xukuru, Tikuna, Macuxi, Tukano, Tembé, Nambikwara, Munduruku, de diferentes estados do Brasil que, juntos, produziram o material pedagógico. Este material inicialmente foi em formato de cartilha e de vídeo-aulas, mas subsequentemente foram incluídos áudios e *podcasts*, para facilitar o acesso, entendimento e melhor aproveitamento dos temas. Também houve trocas coletivas com diversos profissionais da saúde, como: psicólogos, antropólogos, linguistas, cientistas sociais, médicos, professores e filósofos.

Algumas das dificuldades que os alunos tiveram foi em relação à conexão com a internet. Nesses casos foi preciso ter um suporte mais próximo do tutor. Outros alunos precisavam se deslocar para conseguir ter acesso à rede móvel. E um pequeno número de alunos que não sabia a língua portuguesa precisou de tutores e profissionais para auxiliá-lo. O curso teve tanto êxito e aprovação dos alunos que os mesmos pediram a continuação dos módulos ao final do curso. O material foi reeditado e publicado em formato de livro (EL KADRI, 2022).

Os resultados em termos de inscrições, certificação e conclusão foram: 41% de inscritos de estados do Norte; 24% do Sudoeste; 16% do Nordeste; 12% do Centro-oeste e 7% do Sul; 37,3% dos 2.450 alunos foram certificados após a conclusão; 97% dos alunos avaliaram positivamente o curso; apenas 20% relataram alguma dificuldade de acesso (técnica e/ou pessoal). Nas avaliações, destacaram-se a importância de ter aulas apresentadas por indígenas usando seus próprios termos e originalidade, pois a interculturalidade

possibilitou difundir saberes para mais pessoas em diferentes lugares do mundo, gerando grande intercâmbio e conhecimento entre culturas. Também se destacou a importância do ensino à distância para facilitar o acesso de pessoas que moram em lugares mais afastados e que trabalham o dia todo, pois não têm tempo de estudar presencialmente.

O quarto estudo (BARRETO *et al.*, 2022), intitulado “Percepções sobre o uso de álcool em uma comunidade indígena *Potiguar*” realizou uma pesquisa qualitativa junto a um grupo indígena do Rio Grande do Norte, envolvendo moradores e lideranças, buscando os sentidos atribuídos ao consumo de álcool e as estratégias de cuidado acionadas. A pesquisa destaca que o consumo de álcool em comunidades indígenas ainda é pouco estudado no Brasil, restringindo-se a poucas etnias e/ou aldeias, apesar do aumento gradual de pesquisas nas últimas décadas, tendo como marco o processo de Reforma Psiquiátrica, desde a década dos anos 2000.

Na revisão sobre o tema apresentadas nesse estudo, o mesmo destaca que a investigação mais abrangente realizada no Brasil foi em 2007, com 1.455 pessoas de 7 etnias em 5 regiões geográficas, que constatou que o número de indígenas abstinentes era maior que a população brasileira geral (61,6% contra 48%), mas a proporção dos que apresentaram dependência grave também era significativamente maior (22,9% contra 12,3%). Esta última conclusão foi corroborada por outros estudos com etnias específicas.

Os autores do artigo de Barreto et al. (2022) classificaram o material coletado em 3 eixos de análise: 1. Determinantes do consumo de álcool; 2. Cenário da atenção à saúde; 3. Consumo de álcool no contexto da pandemia da Covid-19. Após contextualizar a comunidade estudada, o artigo apresenta informações sobre os 3 eixos selecionados.

No eixo dos ‘Determinantes’, observa-se o consumo diário de bebidas alcoólicas, intensificando-se o uso nos finais de semana e feriados, seja de pessoas sozinhas ou em companhia. Cachaça e cerveja são os tipos de bebidas mais consumidas. A maior frequência de consumo ocorre entre homens jovens e solteiros, embora esteja crescendo o número de mulheres. Os locais de consumo incluem residências e diversos espaços públicos. O incentivo ao consumo advém de amigos, situações de recriminação por não beber, eventos comemorativos e até oferta de pais a filhos menores de idade; e se agrava pela

falta de atividades ocupacionais e/ou espaços de convivência ou lazer. Houve relatos de que o consumo prejudicial de álcool acarreta:

“desentendimentos/brigas, violência doméstica, homicídio, tentativas de homicídio e problemas de saúde, óbito por cirrose hepática, problemas como desestruturação familiar, acidentes, pessoas embriagadas e caídas em caminhos ou estradas, isolamento social, perda de emprego, absenteísmo no trabalho, incapacidade laboral, problemas de aprendizagem, transtornos por uso de álcool e problemas financeiros.” (Barreto et al., 2022, pág.4).

No eixo do ‘Cenário de atenção à saúde’ destaca-se que as ações são exíguas por parte das equipes de saúde, com algum trabalho preventivo nas escolas. Foi mapeado o fluxo de ofertas, como o Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) e o Programa de Saúde Escolar (PSE) dentro do próprio município, e um CAPS AD III e uma comunidade terapêutica em outro município, a 55 km. Também foram mencionadas ações religiosas, esportivas e espirituais.

Em relação ao terceiro eixo, ‘o consumo de álcool no contexto da pandemia da Covid-19’, observou-se uma redução significativa de consumo em espaços públicos, para evitar a propagação do vírus, mas também uma percepção de que o auxílio emergencial do Governo Federal pode ter facilitado a aquisição de bebidas alcoólicas por parte de alguns usuários. Uma limitação admitida pelo estudo foi a impossibilidade de quantificar o aumento do consumo de álcool durante a pandemia.

O texto de Martins *et al.* (2022) é um capítulo de livro que aborda “A Psicologia e a saúde mental dos indígenas: abordando questões sociais e pandêmicas em torno da COVID-19”. As reflexões dos autores tratam da concepção de saúde mental entre indígenas, colocando que a mesma é multifacetada entre as diversas etnias brasileiras. Além disso, postulam uma concepção de saúde mental ampliada, associada à noção de *Bem Viver*, que reforça a importância dos modos de vida e identidades culturais dos diversos povos.

O último artigo, de Oliveira *et al.* (2023), trata dos “Efeitos da Covid-19 na atenção primária à saúde dos indígenas: percepções dos profissionais.”. É uma pesquisa exploratória qualitativa realizada em uma Unidade Básica de Saúde vinculada ao Distrito Sanitário Especial Indígena no Rio Grande do Sul, que atende em torno de seis mil indígenas pertencentes a 10 municípios da região. Os participantes do estudo, 7 profissionais da UBS, não eram indígenas. O estudo buscou compreender os efeitos da pandemia de COVID-19 na Atenção

Primária à Saúde dos indígenas a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas no primeiro semestre de 2022.

Os dados foram categorizados em 3 eixos: 1. Processo de trabalho na conjuntura pandêmica; 2. Resgate para o cuidado integral na APS indígena; 3. Saúde mental dos profissionais e dos indígenas no contexto pandêmico.

Em relação ao primeiro eixo, 'Processo de trabalho na conjuntura pandêmica', observaram-se modificações com a suspensão de atividades grupais/coletivas, enfocando-se mais nos atendimentos individuais e emergências de suspeita de COVID-19, o que também limitou o monitoramento de indivíduos com outras doenças prévias ou condições específicas que demandavam atendimento especializado e/ou orientações coletivas em grupos. Apesar dessas mudanças, os profissionais entrevistados avaliaram que nesse período o acesso dos indígenas à UBS se manteve adequado. O segundo eixo, que abordou o 'Resgate para o cuidado integral na APS indígena' começou a ocorrer após 2 anos de pandemia, quando foi possível retomar gradativamente outras ações de cuidado.

Quanto à 'Saúde mental dos profissionais e dos indígenas no contexto pandêmico', destacou-se o sentimento de medo. Entre os profissionais, o medo se relacionou à morte de parentes e à infecção de familiares. As equipes também ficaram desfalcadas pela contaminação de vários profissionais. A saúde mental da população indígena também foi afetada pelo medo e pelo afastamento entre as pessoas, que não se reuniam mais. Entretanto, a equipe de saúde buscou formas de reorganização e educação permanente para lidar com o desafio colocado pela pandemia.

5. Discussão:

Os estudos apresentados reforçam a necessidade de aprofundar as pesquisas relacionadas à saúde mental indígena em contexto de pandemia ou não. Os mesmos também apontam para diversas questões de saúde mental, como as modificações no modo de consumir álcool no estudo de Barreto et al. (2022) e o medo e sofrimento gerado pela pandemia, no estudo de Oliveira et al. (2023).

Estudos voltados para intervenções durante a pandemia, como a da

Cartilha de Atenção Psicossocial e Saúde Mental (BRASIL, 2020), dialogam com concepções ampliadas de saúde mental, conforme também apontam Martins *et al.* (2022) ao valorizar o *Bem Viver*, que não remete apenas para questões biológicas ou psicológicas, mas inclui dimensões sociais, culturais e espirituais ao considerar a importância dos modos de vida dos povos indígenas.

As ações de atendimento via telessaúde (BRITO; TORRES, 2021) e o curso sobre saúde mental indígena na pandemia (EL KADRI, 2022) denotam a importância de desenvolver ações de resposta rápida e efetiva a eventos inesperados e de longa duração. A realização de intervenções deve considerar o respeito e o lugar de fala dos indígenas em relação a pandemia, o que é a base para qualquer política que garanta a dignidade e a saúde integral de cada comunidade. Isso se destacou nos estudos de Noal; Damásio (2020); El Kadri (2022) e Martins (2022). Esses dois últimos estudos mencionam, inclusive, a importância de categorias como o Bem Viver para compreender a concepção ampliada de saúde mental vigente entre os povos indígenas.

Dentre as estratégias de cuidado desenvolvidas durante a Pandemia, as experiências de Brito & Torres (2021), El Kadri *et al.* (2022) e Oliveira *et al.* (2023) mostram a importância de elaboração de propostas que envolvam as equipes de saúde e a população para as quais as ações estão voltadas. Destaca-se, sobretudo, a experiência de El Kadri *et al.* (2022), pela amplitude, inovação, dialogicidade e participação, ao trabalharem com diversas etnias em parcerias interinstitucionais que envolveram a colaboração de representantes dos povos indígenas. Essa experiência demonstra a importância de ações remotas autoinstrucionais e também com tutoria, valorizando a autonomia nos cuidados em saúde, de maneira a contribuir para lidar com emergências como a Pandemia, minimizando seus efeitos e ampliando as ações de saúde mental e atenção psicossocial na perspectiva do *Bem Viver*.

6. Conclusão

A temática da Saúde Mental Indígena precisa ser aprofundada, valorizando a perspectiva ampliada de *Bem Viver*, por dialogar de maneira mais adequada com dimensões transculturais alinhadas aos modos de vida de povos tradicionais, como os povos indígenas. Foram encontrados poucos estudos sobre a temática escolhida, o que denota a necessidade de mais investimentos acadêmicos e financeiros em pesquisa na área.

A Pandemia afetou desigualmente povos historicamente vulnerabilizados, como os indígenas. O registro desse evento e das experiências para lidar com o mesmo é fundamental para contribuir na elaboração de estratégias ante situações de emergência que podem ser incorporadas após as mesmas no trabalho em saúde com os povos indígenas.

Referências

BARRETO, I. F.; DIMENSTEIN, M.; LEITE, J. F. Percepções sobre o uso de álcool em uma comunidade indígena *Potiguar*. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 38, p. e38419, 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ptp/a/LSVsfHYmcHxFxG9pCDcQ4Nb/?lang=pt#>. Acesso em 30 ago 2023.

CORDEIRO, A. M. et al.. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, v. 34, n. 6, p. 428–431, nov. 2007. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rcbc/a/CC6NRNtP3dKLgLPwcmV6Gf/?lang=pt#>>. Acesso em 05 set. 2023

EL KADRI, M.R.; MELO, B.D.; SPUZA, M.S.; NOAL, D.S.; SERPELONI, F.; PEREIRA, A.S. Curso em saúde mental no contexto da Covid-19 com povos indígenas por meio de ensino remoto. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 20, p. e00333164, 2022. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/tes/a/VBtKpfgDJXS6BBKPYcJRmBk/#>>. Acesso em: 06 set. 2023.

BRITO, D.L.B.; TORRES, O.M.. A atenção em saúde mental no Telessaúde Indígena para enfrentamento à Covid-19. **Anais do Seminário Regional de Extensão Universitária da Região Centro-Oeste (SEREX)**, n. 5, p. 194-195, 2021. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/serex/issue/view/393>>. Acesso em 06 set.2023.

MARTINS, A. K. S.; OLIVEIRA A.M.C; SILVEIRA, M.S. A Psicologia e a saúde mental dos indígenas: abordando questões sociais e pandêmicas em torno da covid-19. In: SPAVIER ALVES, A.; SILVA, R.L.S. (Org.) . Políticas educacionais para resistência e reexistências na Educação Básica. 1. ed. Salvador-Bahia: Secretaria da Educação do Estado da Bahia, 2022. Disponível em: <https://forcainvicta.com.br/wp-content/uploads/2022/07/E-BOOK-do-GEPEE.pdf#page=95>. Acesso em: 30 ago 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: Povos indígenas no contexto da COVID-19. FIOCRUZ, 2020. Disponível em:

<<https://ds.saudeindigena.icict.fiocruz.br/bitstream/bvs/2256/1/Dam%3%a1sio%20e%20Noal%20-%202020%20-%20%20%5bCartilha%5d%20Sa%3%bade%20Mental%20e%20Aten%3%a7%3%a3o%20Psicossocial%20na%20.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2023.

OLIVEIRA, A. T. de; HERMES THOMAS TOMBINI, L.; BARROS DE SOUZA, J.; FAGANELLO MADUREIRA, V. S. ; DE PRADO PILGER, K. C. Efeitos da Covid-19 na atenção primária a saúde dos indígenas: percepções dos profissionais. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro, Brasil, v. 15, p. e–12081, 2023. Disponível em:

<http://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/12081>. Acesso em: 30 ago. 2023.